



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

O INFINITO EM A ALEGRIA: PÓS GUERRA, FRAGILIDADE DA EXISTÊNCIA E
DIÁLOGOS ATUAIS NA OBRA DE GIUSEPPE UNGARETTI

KÉSIA COLAÇO DA SILVA

Rio de Janeiro

2024

KÉSIA COLAÇO DA SILVA

O INFINITO EM A ALEGRIA: PÓS GUERRA, FRAGILIDADE DA EXISTÊNCIA E
DIÁLOGOS ATUAIS NA OBRA DE GIUSEPPE UNGARETTI

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Letras: Português-Italiano.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Flora De Paoli
Faria

Rio de Janeiro

2024

CIP - Catalogação na Publicação

D111 Da Silva, Késia Colaço
O INFINITO EM A ALEGRIA: PÓS GUERRA, FRAGILIDADE
DA EXISTÊNCIA E DIÁLOGOS ATUAIS NA OBRA DE GIUSEPPE
UNGARETTI / Késia Colaço Da Silva. -- Rio de
Janeiro, 2024.
30 f.

Orientador: Flora De Paoli Faria.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Italiano, 2024.

1. Literatura italiana . 2. Hermetismo. I. De
Paoli Faria, Flora, orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

KÉSIA COLAÇO DA SILVA

O INFINITO EM A ALEGRIA: PÓS GUERRA, FRAGILIDADE DA EXISTÊNCIA E
DIÁLOGOS ATUAIS NA OBRA DE GIUSEPPE UNGARETTI

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em Letras:
Português-Italiano.

Data da avaliação:
Banca Examinadora:

NOTA: _____

Prof^a. Dr^a. Flora De Paoli Faria – Presidente da Banca Examinadora
Setor de Línguas Neolatinas / Departamento de Letras Italianas / Faculdade de Letras
– UFRJ

NOTA: _____

Prof^a. Dr^a. Priscila Nogueira da Rocha – Leitora Crítica
Setor de Letras Italiano / Departamento de Línguas Neolatinas/ Faculdade de Letras
– UFRJ

NOTA: _____

Prof^a. Dr^a. Annita Gullo – Leitora Crítica
Setor de Letras Italiano / Departamento de Línguas Neolatinas/ Faculdade de Letras
– UFRJ

MÉDIA: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, que sempre me coloca no caminho certo e me inspira a ver a beleza da arte e da poesia. Também por ter tornado minha trajetória acadêmica mais leve e me acompanhar em cada passo.

Para que fosse possível a elaboração deste trabalho, foi necessário ter passado por todo o desenvolvimento pessoal e acadêmico que compôs minha jornada como estudante de Letras. Por isso, gostaria de agradecer à Faculdade de Letras e a UFRJ como um todo, pois tive o grande prazer de ser parte dessa instituição e o privilégio de ter tido acesso a uma educação de qualidade.

Agradeço também a todos os professores da faculdade que me deram embasamento teórico suficiente para desenvolver a elaboração deste trabalho acadêmico. Tal como os professores do Departamento de Italiano da Faculdade que me ajudaram a entender, pouco a pouco, como a língua italiana é rica e cheia de significados. Assim como à orientadora deste trabalho, Prof^a. Dr^a. Flora De Paoli Faria, que com seus ensinamentos, mostrou a potência que a literatura italiana carrega e que, assim como a professora Priscila, me apresentou a bela poesia de Ungaretti.

Agradeço à minha família, principalmente à minha mãe, Renata, por incentivar minha formação como professora e apoiar toda a minha trajetória como estudante de Letras. Também às amigas que estiveram ao meu lado durante o curso e, ainda que os caminhos da vida tenham nos afastado, contribuíram para minha formação profissional.

Meus agradecimentos também à Stella, que me ajudou na formatação final desse trabalho e a todos que, de alguma forma, participaram da minha formação.

ALLEGRIA DI NAUFRAGI
"E subito riprende
Il viaggio
come
dopo il naufragio
un superstite
lupo di mare"
(UNGARETTI, Giuseppe, 1917)

ALEGRIA DE NAUFRÁGIOS
"E logo retoma
a viagem
como
após o naufrágio
um lobo-do-mar
sobrevivente"
(Tradução: Geraldo Holanda Cavalcanti)

RESUMO

SILVA, Késia Colaço da. *O infinito em A Alegria: Pós guerra, fragilidade da existência e diálogos atuais na obra de Giuseppe Ungaretti*, 2024. Monografia (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024.

Neste trabalho será relatado como o período histórico em que a lírica italiana se encontrava durante a vida de Giuseppe Ungaretti, contribui para sua ascensão como poeta a partir da teoria de Eneï e Squarotti. Também quais as transformações que sua poesia sofrerá a partir de suas experiências pessoais, uma vez que sua poética é autobiográfica. O presente trabalho também tem como objetivo observar a relevância da poesia de Ungaretti na atualidade e apontar a correlação da Teoria da Reminiscência com o conceito de Infinito, Tempo e Memória. De que forma esses conceitos fundamentam o pensamento filosófico do poeta italiano e podem servir para entender o pensamento do indivíduo em um período crítico como a guerra. Será comentada também a influência do movimento literário hermético na literatura italiana, por meio da organização crítica produzida por Fioravanti. Quanto à análise, o foco neste trabalho será *A Alegria* (2003) onde serão utilizados conceitos psicanalíticos, principalmente conceitos de (Rank, 2020) e críticos com (Portinari, 1967). Além disso será discutida a pertinência poética de Ungaretti nos dias atuais, com o apoio do ponto de vista de (Simmel, 1999) e como seus textos podem impactar leitores atualmente.

ABSTRACT

In this work it will be discussed how the historical period where the Italian lyric was found during the life of Giuseppe Ungaretti, contributed to his rise as a poet based on the theory of Enei and Squarotti. Also what transformations will happen in his poetry based on his personal experiences, since the poetry of the Italian poet is autobiographical. The present work also aims to observe the relevance of Ungaretti's poetry today and point out the correlation of the Theory of Reminiscence with the concept of Infinity, Time and Memory. How these concepts underlie the philosophical thought of the Italian poet and can serve to understand the individual's thought in a critical period such as war. The influence of the hermetic literary movement on Italian literature will also be commented on, through the critical organization produced by Fioravanti. As for analysis, the focus in this work will be *A Alegria* (2003) where psychoanalytic concepts will be used, mainly concepts from (Rank, 2020) and critical concepts from (Portinari, 1967). Furthermore, Ungaretti's poetic relevance will be discussed today, supported by the point of view of (Simmel, 1999) and how his texts can impact readers today.

RIASSUNTO

In questo lavoro verrà discusso come il periodo storico in cui si trovava la lirica italiana durante la vita di Giuseppe Ungaretti, ha contribuito alla sua ascesa come poeta sulla base della teoria di Enei e Squarotti. Inoltre quali trasformazioni cambieranno la tua poesia in base alle tue esperienze personali, dato che la tua poesia è autobiografica. Il presente lavoro si propone inoltre di osservare come l'attualità può essere legata alla poesia di Ungaretti e di evidenziare la correlazione della Teoria della Reminiscenza con il concetto di Infinito, Tempo e Memoria. Come questi concetti sono alla base del pensiero filosofico del poeta italiano e possono servire a comprendere il pensiero dell'individuo in un periodo critico come la guerra. Verrà inoltre commentata, attraverso l'apparato critico prodotto da Fioravanti, l'influenza del movimento letterario ermetico sulla letteratura italiana. Per quanto riguarda l'analisi, il focus di questo lavoro sarà A Alegria (2003) dove verranno utilizzati concetti psicoanalitici, principalmente concetti di (Rank, 2020) e concetti critici di (Portinari, 1967). Inoltre, nel presente lavoro verrà discussa l'attualità poetica di Ungaretti, supportata dal punto di vista di (Simmel, 1999) e come i suoi testi possano influenzare i lettori oggi.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. CONTEXTUALIZAÇÃO LITERÁRIA.....	10
3. A ALEGRIA – COMENTÁRIOS E ANÁLISE	16
4. A IMPORTÂNCIA DA OBRA DE UNGARETTI NOS DIAS ATUAIS	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

Por meio deste trabalho, propõe-se, comentar a trajetória literária de Giuseppe Ungaretti (1898-1970), além de suas contribuições para a sociedade brasileira e Italiana. Para isso, será necessário relatar o cenário literário italiano em que sua literatura surgiu, assim como o movimento literário que acompanhou suas produções - o hermetismo. Por meio dos conceitos estabelecidos por Enei e Squarotti, será possível entender, de que modo a poesia de Ungaretti se associa ao hermetismo e como o momento histórico em que a sociedade italiana vivia propiciou a ascensão de Ungaretti como precursor do hermetismo.

Torna-se fundamental, em um trabalho sobre um poeta que também foi professor, que sua posição acerca das temáticas abordadas seja exposta e debatida. Com isso, serão comentados escritos e entrevistas do escritor, transcritas no livro *Razões de uma Poesia* organizado pela professora Lucia Wataghin. Também conseguiremos observar na perspectiva de Manzi e Silva, de que forma as representações imagéticas aparecem nas poesias do poeta italiano.

O livro *A Alegria* foi escolhido como foco de análise do presente trabalho e será por meio dele, que entenderemos as possíveis interpretações de conceitos frequentes em sua literatura como o Infinito, a luz, a noite, a escuridão e o vazio. Além disso, vamos entender porque Tempo e Memória não podem ser dissociados de sua análise poética e porque são importantes até mesmo do ponto de vista filosófico.

Também será comentado o modo como os ideais Platônicos fundamentam a teoria que envolve sua literatura, a partir de qual visão de mundo Ungaretti escreve e que mudanças ocorrem na sua vida de modo a impactar sua poesia. Assim como a influência de seu período no Brasil em sua identidade como ser humano e poeta.

Como suporte de análise da obra serão utilizados conceitos críticos e psicanalíticos, onde serão observadas as relações entre Infinito e Inconsciente. Com esse objetivo serão abordadas concepções de (Rank, 2020), (Portinari, 1967), (Freud, 2009) e (Manzi e Silva, 2019).

Por fim, será argumentada a pertinência poética da obra Ungarettiana no contexto atual, momento pós pandêmico e com o maior número de guerras no mundo desde a Segunda Guerra Mundial. O que é possível refletir entre o momento histórico que Ungaretti escreve e o momento em que vivemos, de que formas sua literatura ainda pode impactar a sociedade.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO LITERÁRIA

No século XX a lírica italiana assume uma nova posição no cenário da literatura contemporânea europeia, passando a ocupar um posto central. Isso se dá pela reestruturação do que já se conhecia da poética italiana, tanto à nível formal como estilístico. Grande parte dessa mudança ocorre devido ao trabalho artístico de Giuseppe Ungaretti (1888 - 1970), um poeta que redescobre a valorização estética e significativa da palavra, que é o instrumento central do seu fazer poético (Antonelli; Sapegno, 2011, p. 100).

É importante mencionar porque ocorre essa mudança no cenário literário da época, que diferente de movimentos anteriores, dos quais o conteúdo baseia-se em propagandas desconectadas de um sentido filosófico coerente, essa transformação ocorre na alta literatura (Antonelli; Sapegno, 2011, p. 100). Trata-se de um reflexo do que se passava com a sociedade após a Primeira Guerra: o sentimento de vazio, de desamparo e a busca por significados. Diante da barbárie da guerra, os indivíduos não acreditam mais na tradição, no que sempre foi feito em termos de literatura e cultura de modo amplo (Enei, 2010, p. 227). Com essa desconfiança, sua busca por respostas precisa estar ligada ao único recurso restante, em um período de crise mundial: a própria consciência. Voltando-se para seu próprio ser, o homem começa a expressar em sua poesia a agonia que sente ao testemunhar o declínio do que antes conhecia como sociedade.

É neste cenário que emerge Ungaretti como poeta. Em um contexto onde a brutalidade da natureza humana é exposta, existe uma procura sistemática por respostas sobre a essência do mundo e do homem. Nesse âmbito, Ungaretti visa concentrar o máximo de significação e mistério nas palavras que compõem sua poesia, tornando-a quase um artefato místico. Essa é uma característica primordial do movimento hermético, o que coloca o autor como grande nome dessa corrente literária. Segundo Squarotti (1989, p. 528), o movimento hermético não vê a existência como fonte da Verdade, muito menos como caminho para tal. Na realidade, é a palavra – ou a poesia – que guia o indivíduo para uma revelação da alma.

Para isso, a poesia deve estar o mais livre possível de quaisquer delimitações que a prendam ao que chamamos de existência material, tal como a sintaxe e a lógica ortográfica. Isso se dá, pois a poesia hermética objetiva uma purificação religiosa da

arte literária, que se materializa como uma purificação que substitui a experiência material Squarotti (1989, p. 582). Para que essa substituição ocorra é preciso que a poesia hermética mimetize componentes essenciais da experiência física que possibilitam o indivíduo a interpretar e assimilar a poesia, e até a si mesmo.

Sendo assim, o hermetismo decide proporcionar ao leitor uma experiência sinestésica, ou seja, que evoca os cinco sentidos básicos do ser humano, como instrumento para a representação imagética de sua obra (Manzi e Silva, 2019, p. 81). No caso de Ungaretti, os sentidos estão intimamente relacionados com elementos da natureza, em como o homem se encaixa no cenário natural e sua percepção de como o cenário natural pode reagir a ele. Esse entendimento é essencial para compreensão da obra do autor, pois é por meio do cenário que ele representa seus ideais poéticos.

Sobre a ligação de Ungaretti com o hermetismo é possível notar um fato curioso. Para a crítica, muitas vezes os herméticos não cumprem com seu dever artístico e cultural. Isso, pois fecham tão estreitamente sua poesia, ao passo de torná-la incognoscível para outros. A possibilidade de decifrar seus códigos se limitava então aos próprios herméticos, que, por vezes, tinham suas poesias fechadas em poucas palavras- caso do próprio Ungaretti, fato apontado por Mário Morandi (Fioravanti, 1978, p.64). Acontece que Ungaretti acredita que a missão primordial do artista é revelar seu entendimento poético (Wataghin; Negri, 1993, p. 27) e que se a sua obra parece ser obscura, não é de propósito. Segundo ele, tendo o leitor bom senso a obscuridade poderia ser facilmente eliminada. (Wataghin; Negri, 1993, p. 83). Tendo em vista a crítica e a visão do poeta, a linha que separa o bom senso do leitor e os códigos da poesia hermética/Ungarettiana é tênue e revela um movimento do leitor para a poesia, em vez da poesia para o leitor.

Manzi e Silva (2019, p. 81) apontam como a vida pessoal do autor impactou sua obra, principalmente o fato de ter sido um soldado na Primeira Guerra Mundial, o que inspirou sua obra *Allegria di Naufragi* e muitas outras. O próprio título demonstra o sentimento do autor diante do fim da Guerra e a gravidade que ela representava, por se tratar de um naufrágio.

Para além de traumática, a guerra teve um grande papel na formação do jovem Ungaretti. Em 1915, pouco depois de chegar na Itália, se voluntariou como soldado para a Frente do Carso. Essa decisão representou, mais do que uma ideologia política, o desejo que Ungaretti tinha de se integrar à pátria italiana. Apesar disso, do ponto de

vista identitário, foi uma experiência complexa para o autor, uma vez que se encontrava em uma ambivalência interna. Ora se sentia como um estrangeiro, ora que aquele era seu país, ora que a Guerra pudesse consagrá-lo como italiano. A busca por sua identidade italiana vem expressa em sua primeira antologia poética, *Il Porto Sepolto* (Antonelli; Sapegno, 2011, p. 103).

O livro *A Alegria*, foco de análise deste trabalho, é lançado em 1931, contudo trata-se da reelaboração do livro *Allegria di Naufragi* de 1919, que foi recebido com estranheza e segundo Geraldo Holanda Cavalcanti, nas notas de *A Alegria* (2003), foi referência ao último verso do poema “O Infinito” de Leopardi: “E naufragar me é doce neste mar”. De todo o modo, o livro reúne poesias escritas entre 1914 e 1919 (Antonelli; Sapegno, 2011, p. 108) e segundo o próprio autor, tem caráter autobiográfico:

“Este velho livro é um diário. O autor não tem outra ambição- e acredita que mesmo os grandes poetas não a tenham- senão a de legar uma bela biografia. Suas poesias representam, pois, seus tormentos formais, mas gostaria que se recolhesse, finalmente, que a forma o atormenta somente porque dela exige que se conforme às variações de seu estado de ânimo, e que, se algum progresso alcançou como artista, gostaria que ele lhe indicasse, também, que alguma perfeição o acompanhou enquanto homem.” (Ungaretti, 2003, p. 187)

Ao chamar o livro de diário, Ungaretti revela o quanto de si tem em sua poética, que pode ser descrita como a elaboração de suas reflexões ou até mesmo o conteúdo de seu inconsciente. Além disso, sua poesia tem uma posição central na sua vida, é o objeto de materialização dos medos mais profundos e desejos mais íntimos. Ao falar que se alcançou progresso como artista, que lhe fosse indicado que uma perfeição o acompanhou como homem, vemos a natureza espiritual que acredita estar ligada ao ato sublime de fazer poesia.

O progresso de sua arte indica mais do que o êxito profissional e artístico, indica sua crença na capacidade que suas palavras têm de aproximá-lo da perfeição/elevação espiritual. Esse pensamento, de modo geral, é o que o aproxima dos conceitos centrais de sua obra: *O Infinito*, *O Tempo* e *a Memória*.

Os três conceitos estão entrelaçados na obra de Ungaretti. Segundo ele, o homem já foi bem próximo de Deus, sabia suas características e como identificá-lo. Contudo, chegou o momento em que perdeu acesso ao contato divino e com o Tempo, perdeu a capacidade de perceber Suas características. Com isso, por meio da

natureza consegue ter vislumbres de Memória que o aproximam do Infinito, ponto divino da revelação de sua alma (Wataghin; Negri, 1993, p. 50).

Esse entendimento de Ungaretti pressupõe que o homem está limitado pelo Tempo e pela Memória, que nada mais são do que mecanismos que separam o homem da Verdade essencial sobre o que há de divino no mundo. Além disso, o Infinito é o conceito que retém todos os outros, pois é para o poeta, seu modo de demonstrar aos seus leitores o que não pode ser conceituado, muito menos compreendido. Sua perspectiva poética é de caráter universal, que não se limita nem geograficamente nem temporalmente. Para ele é uma forma de se aproximar da natureza do universo, que em sua visão é:

“...um mistério irreduzível, qualquer que seja a altura que a ciência possa atingir, uma harmonia transcendente, fonte de graça mais do que opacidade adversa, um mistério igual, mesmo se imaginável de maneira diversa para todos, para os doutos como os ignorantes, para o adulto como para o menino. A mente jamais o atingirá, mas através do sentimento pode se ter notícias dele.” (Wataghin; Negri, 1993, p. 89)

É imprescindível, também, comentar sobre a passagem de Ungaretti pelo Brasil. Em 1936, o poeta visita a América do Sul a convite do Pen Club argentino. Sua vinda desperta o desejo de explorar uma nova fase de sua vida que possibilite levar sua poesia para novos rumos. Tendo realizado conferências na USP, ele é convidado a ocupar a cátedra de Língua e Literatura Italiana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade. Um ano depois da proposta, ele decide aceitar, e nesse posto permanece por seis anos, onde se dedica ao ensino de literatura italiana (Ungaretti; Montefoschi; Prado, 1996, p. 9). Esses anos são particularmente difíceis para ele, pois é justamente nesse momento que perde o irmão e o filho.

Para Lucia Wataghin, o contato inicial de Ungaretti com o Brasil é tenso, pois, em sua visão, percebeu no país um desinteresse pela tradição nacional ou senso de tradição. Essa divergência cultural, segundo ela, é amenizada com o tempo e assimilação de Giuseppe na cultura brasileira, que ele chega a considerar como uma de suas pátrias – afinal é nela que foi enterrado seu filho. (Wataghin; Negri, 1993, p. 16, 17) Além disso, é no Brasil, país repleto de vastidão natural, onde as forças da natureza assumem protagonismo na vida cotidiana, que a morte assume um novo significado em sua vida, sendo submetido à duas perdas sucessivas, ele, mais do que nunca, se volta para as questões vazias, da morte e do luto. Sentimentos esses que

resultam na obra *Il Dolore*, sendo esse, o livro mais amado pelo poeta (Ungaretti; Montefoschi; Prado, 1996, p.11).

Para Lucia Wataghin é no Brasil que ocorre um fato crucial, para Ungaretti, a fragilização de seu forte vínculo e confiança na palavra, que sempre foi o vértice central de seu rumo poético. O mito, por outro lado, surge como um elemento de renovação e metamorfose do cenário de sua poesia, que finalmente assume a ferocidade da paisagem brasileira (Wataghin; Negri, 1993, p. 11).

Com respeito aos mitos, Ungaretti desenvolveu no Brasil seu interesse pela cosmogonia originária do país. O poeta tinha o desejo, inclusive, de publicar um livro que representasse essas tradições. Chegou a iniciar um projeto de tradução para o italiano, onde uma de suas traduções foi um mito chamado *O selvagem*. O mito que havia sido transcrito em português por Couto de Magalhães, a partir do tupi oral, posteriormente, foi adicionado por Ungaretti às suas publicações na revista italiana *Poesia*. As traduções foram intituladas de *Lendas Índias do Gênesis* (Wataghin, 1998, p.169).

No mito *O selvagem*, vemos um tempo em que a noite dormia no fundo do rio, ou seja, era sempre dia. A Cobra Grande, também conhecida como mãe do Rio, era um ser gigantesco que ali habitava e tinha a noite sob o seu poder. Em um dado momento a filha da Cobra Grande se casa com um jovem indígena e lhe diz que só poderiam dormir juntos se fosse noite. Com isso, ele precisaria buscá-la (a noite) no fundo do rio. O jovem envia três rapazes para o encontro da Cobra Grande, que lhes entrega a noite em um coco de tucumã. Ela, no entanto, os adverte sobre não abrir o coco. Acontece que os rapazes escutam sons vindo do fruto, inclusive o canto de grilos. Curiosos, o abrem. À noite, então, se apodera de tudo e a filha da Cobra Grande se enfurece, pois agora precisaria criar pássaros para separar o dia da noite. Quanto aos rapazes curiosos, decide transformá-los em macacos.

É interessante pensar na identificação que Ungaretti encontrou nessa lenda, afinal, nela, se desenvolvem símbolos de interesse do autor como a noite, o sono e os pássaros. Mas, podemos observar outro aspecto notável, a noite dormia no fundo do rio. O ato de dormir por si só já remonta a ideia do inconsciente, do ponto de entrega da própria consciência para alcançar um novo estado, mas o fato da noite dormir, implica em mais do que isso. Se a noite dorme, nas profundezas do rio, demonstra que a vida noturna e os conteúdos do inconsciente dos seres humanos estavam

presos no fundo das águas – fora de acesso. Uma vida sem noite, era uma vida limitada às obrigações de sobrevivência, vide o fato que nem mesmo a filha da Cobra Grande poderia consumir o casamento. Sendo assim, o mito representa a importância da noite para uma vida plena onde se pode transitar pelo consciente (dia) e inconsciente (noite). Por isso a necessidade da filha da Cobra Grande separar um do outro.

Ungaretti parece ter identificado similaridades filosóficas entre a cosmogonia indígena e a sua poesia. Em *O Selvagem*, vemos como o esforço humano de se voltar para as profundezas, seja do rio, ou de sua própria consciência, culmina na renovação do ciclo do ciclo natural da vida. Essa renovação não ocorre sem esse investimento, por isso a poesia de Ungaretti requer um esforço dedutivo da parte do leitor. O intuito não é tornar a poesia mais complicada e sim induzir um movimento na direção dos conteúdos armazenados nas profundezas de seus sentidos. O mito em questão, pelo seu caráter alegórico, demonstra-se um rico material, em que o autor se propõe a investigar. Quando o traduz para o italiano, demonstra que não só percebe em si a capacidade e o desejo de reinterpretar tais simbologias a partir de sua própria cultura, como a vontade de contar essa história para seu povo.

3. A ALEGRIA – COMENTÁRIOS E ANÁLISE

Para o pleno entendimento do trabalho de Ungaretti, *A Alegria* se torna fonte central. Isso porque é um livro que carrega a complexidade de ser obra biográfica de Ungaretti em uma linha temporal crucial de sua vida. A guerra e o pós-guerra, reunindo *Il Porto Sepolto* e *L'Alegria di Naufragi*, duas de suas mais importantes obras primas. A coleção mais antiga das poesias apresentadas no livro foram publicadas pela primeira vez na revista *Lacerba*, importante veículo de difusão política, artística e literária.¹

Para Ettore Serra, curador da obra, Ungaretti fez uma revisão em suas poesias mais antigas com o desejo de adequá-las para a edição definitiva, mas sem alterar suas formas essenciais. Contudo, na visão de Ettore, foi uma atitude aflitiva, uma vez que seria como unir dos pontos muitos distantes de complexidade humana e que, ambos os textos, refletiam muito da forma como a poesia Ungarettiana evoluiu com o tempo (Ungaretti, 2003, p. 187).

De todo modo, é importante entender em qual contexto *A Alegria* é escrita, pois o livro carrega uma marca temporal que afeta todo o entendimento que o leitor virá a assimilar e interpretar. Esse contexto pode ser descrito como um momento em que o passado é colocado em um pedestal, ou seja, a revisão histórica se torna fonte de prestígio e autoridade.

Ungaretti aponta esse momento como dramático, pois ele evidencia o estado de delírio do homem no século XIX. Neste momento, a memória é vista como objeto de adoração, onde o homem explora tudo o que pode ser explorado da terra, da vida e da arte. Giuseppe cita esse período como um século de caçadores de múmias e engenheiros, um século em que existe plena recusa em aceitar o mínimo que seja de obscuridade (Wataghin; Negri, 1993, p. 50).

Esse problema, na visão do autor, resulta na fragilidade humana diante do incognoscível. Isso porque o homem se tornou mais presunçoso e mais alheio a tudo que remete à sua real essência, pois é justamente a obscuridade que abre espaço para a iluminação do ser humano. Esse inclusive, é um tema que se repete nas obras

¹ TRECCANI. *Lacerba*. Enciclopedia Treccani, 2024. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/lacerba/>. Acesso em: 5 dez. 2024.

de Ungaretti, pois seu trabalho consiste, quase sempre, no contraste entre luz e escuridão.

Para Folco Portinari, além da fragilidade e impassividade do homem frente ao vazio existencial, o livro apresenta também a rebelião do homem frente ao mistério ou infinito. Ou seja, o homem não estaria somente estático diante da existência de um infinito, mas agiria como uma força contrária a essa realidade. O próprio Ungaretti se descreve nesta posição (Portinari, 1967, p. 22).

Para Portinari, A Alegria evoca o sentimento nostálgico de Ungaretti pela sua terra abandonada que, por ser africana, acredita que seria uma nostalgia pelo “exótico”. Com isso surgiria uma nova modalidade expressiva, marcada, inclusive, por uma linguagem mais simples e direta. Essa característica passará a ser recorrente na poesia italiana posterior, o que torna-o precursor desse novo modelo poético (Portinari, 1967, p. 34).

Diante deste cenário, fica claro a importância das significações imagéticas apresentadas pelo poeta, que frequentemente culminam na iluminação do ser diante da mais profunda obscuridade, o vácuo existencial. Isso fica evidente na sua poesia Lindoro do Deserto, a qual Ungaretti possui um apreço especial:

“Um bruxuleio de asas feridas
rompe o silêncio dos olhos

Com o vento se debulhar o coral
De uma sede de beijos

Perturba-me a aurora

A vida se me travasa num enredo de nostalgias

Agora em mim se espelham os pontos do mundo
que tive por companheiros
e farejo um rumo

Até a morte ao sabor da viagem
Temos as tréguas do sono

O sol enxuga o pranto

Cubro-me com o manto morno
de lind’oro

Deste terraço de desolações
Me entrego ao abraço
do bom tempo.”

Durante toda a poesia é possível perceber que Ungaretti estabelece um padrão imagético que nos induz a uma revelação que está escondida na escuridão: “O sol enxuga o pranto”; “Um bruxuleio de asas feridas rompe o silêncio dos olhos”; “tréguas do sono”. Esse padrão nos revela o idealismo do autor com respeito ao que o homem possui de mais secreto em sua existência. Fiel à Leopardi, Ungaretti não acredita na instrumentalização das palavras por elas mesmas, como faziam os futuristas, mas, para ele, seu ofício era utilizar palavras que demonstravam inteiramente o sentido moral que sua poesia carrega. (Wataghin; Negri, 1993, p. 43) Sendo assim, o padrão que encontramos em Lindoro do Deserto, evidência a visão positiva do autor sobre mistério quase absoluto do inconsciente humano.

Não apenas positiva, mas, até mesmo, acalentadora se refletirmos: no sol que aparece como aquele que seca o choro e traz o simbolismo do calor que é um instrumento acalentador, assim como o sono (canal central de acesso ao inconsciente) e um manto morno de ouro. Tais representações se reduzidas apenas ao nível sensorial/sinestésico podem indicar o desejo de retorno do homem ao útero materno (Rank, 2020), o que faz todo sentido em um contexto traumático como o período pós-guerra.

Rank utiliza da simbologia de Gênesis para explicar a necessidade de regressão do homem ao seu estado primordial, onde o fruto do conhecimento é o seio materno e o desmame a expulsão do paraíso, que resulta na necessidade da atividade agrícola (Rank, 2020, p. 162). Um estado traumático que é reativado diante da morte, que retoma a sensação de separação do corpo da mãe (Rank, 2020, p. 27).

Ungaretti se embasa neste ideal, argumentando que “O silêncio do túmulo é igual ao silêncio antes do berço. É a eternidade.” (Wataghin; Negri, 1993, p. 47) Assim como Rank postula, ele remonta a experiência uterina diante do trauma da morte, mas vai além. Com sua referência Platônica (Wataghin; Negri, 1993, p. 12), Giuseppe vê na Teoria da Reminiscência um caminho para o entendimento da incógnita do inconsciente. Ou seja, o útero para o qual aponta o retorno não é do mundo natural, mas ainda anterior ao corpo de sua mãe, trata-se de um útero primordial. Como ele mesmo diz: “É a eternidade”.

“...Basta que articuleis este mesmo argumento com aquele em que previamente assentámos, ou seja, que tudo o que é vivo provém do que está morto. Se a alma tem, efectivamente, uma existência anterior; se, quando inicia a vida e nasce, é por força a partir da morte e do que está morto que

ela nasce como não admitir que exista para além da morte, se justamente tem de voltar a nascer?...” (Platão, 1983, p. 74)

O trecho extraído de Fedon, apresenta o argumento de Sócrates para as razões que não devemos temer a morte. Sabendo que Platão é um referencial na obra de Ungaretti, retiramos algo importante desse fragmento: A noção de imortalidade da alma. Baseada em uma simples constatação. Só nasce o que está morto, então para nascer é preciso morrer. Sendo assim, a noção de eternidade não é figurativa, mas filosófica/ religiosa, sendo possível que o conhecimento do inconsciente revele verdades sobre a alma do poeta que sejam intangíveis.

Sendo assim, podemos considerar que as constantes alusões de Ungaretti ao infinito e ao vazio existencial tenham um caráter dual, assim como suas representações imagéticas que contrastam luz e escuridão. Esse caráter dual pode mostrar a iluminação de desvendar os caminhos para o inconsciente, mas diante do cenário pós guerra e da declaração do autor sobre Lindoro do Deserto onde ele diz que o deserto significa que ele se encontra nas trincheiras, vemos uma perspectiva oposta à anterior, onde podemos considerar a representação de uma cisão psíquica advinda de um trauma de guerra.

Em uma poesia que trata a morte com tamanha familiaridade e resignação, é visível que ela é resultado do sentimento que surge a partir de um cenário onde os constantes conflitos e ataques às vidas humanas se tornam uma realidade inevitável. Assim como Freud separa a visão das pessoas sobre a morte em dois grupos, os que vão à guerra e os que não vão. O segundo grupo para ele é o mais contraditório, pois oferece sua vida em prol das demais, zela pela dos seus companheiros, mas precisa reduzir a vida do inimigo a nada (Freud, 2009, p. 22). Nesse sentido, a poesia de Ungarettiana, não apenas Lindoro do Deserto, parece se voltar para essa ambiguidade. Para o sentimento dual que a guerra instaura em seus combatentes. O medo de perder a vida e a certeza de que para seus inimigos ela não vale nada.

Esse sentimento cruel comanda a visão de um soldado, fazendo com que lhes reste nada além da pura desconfiança de si mesmo e dos outros. Justamente por isso, Ungaretti usa a poesia como um ato de resistência. Resistência de uma preservação interior tão única que ele precisa marcá-la no papel, fazê-la um juramento de humanidade. Sua escrita parece ser uma necessidade de dizer a si mesmo e a outros que algo de si preservou-se vivo e intacto. Sua fé lhe garante um estado de

contemplação sublime diante do caos e, no caso da poesia *Vigília*, é o amor, o instrumento que o impede de naufragar no mar da mais profunda sordidez.

Vigília

Uma noite inteira
Jogado ao lado
De um companheiro
Massacrado
Com a boca
Arreganhada
Voltada para a lua cheia
Com convulsão
De suas mãos
Entranhada
No meu silêncio
Escrevi
Cartas cheias de amor

Nunca estive
Tão
Aterrado à vida

A poesia retrata um cenário brutal e traumatizante, capaz de fazer com que qualquer pessoa perca a sanidade, mas é neste cenário que Ungaretti busca a escrita. Em uma situação como essa podemos descrever a poesia como uma fonte de resgate. Ela é tudo o que lhe resta para se agarrar quando tudo que o rodeia está permeado pelo mais profundo pânico. Ungaretti precisa escrever, e não é qualquer escrita, é uma escrita de cartas e cheias de amor. No fim ele explica, nunca se sentiu tão aterrado à vida como naquele momento em que escrevia as cartas. As cartas salvaram sua vitalidade interna. Com elas, ele não se deixava abater pelo sentimento de morte interna que poderia ocorrer ao ver seu companheiro agonizar ao seu lado e não poder fazer nada. Era pensar e escrever de amor que o impedia de se sentir imóvel e incapaz.

O desejo de preservação interna de Ungaretti, em meio ao horror da guerra, pode ser entendido como uma postura pessoal do autor de não deixar que a guerra o transformasse em um completo desconhecido para si mesmo. Segundo Folco Portinari, essa afirmação do sujeito em meio à crise total, é simplesmente contrária ao ideal da guerra em si, onde as individualidades devem ser suprimidas para dar lugar ao ideal coletivo da nação. Ungaretti usa, então, a poesia para afirmar sua fé em si mesmo. Isso é, para se colocar como um sujeito de importância, alguém cuja a vida

tem sentido ou, ainda mais importante, alguém que acredita no sentido da vida. (Portinari, 1967, p. 64-65)

Folco Portinari, cita também o uso de pronomes demonstrativos centrados no eu de Ungaretti, assim como a prótase e apódose, indicando um estado tão comum e antigo do homem, a tensão diante do indecifrável. Afinal, quando se está em sofrimento é comum buscar explicações para suas dores. Se algo não está bem, então deve haver uma razão para isso. O modo como ele aplica essa estrutura sintática, revela sua busca pelos porquês e seu modo hermético de tornar sua poesia tão concisa ao ponto dela ecoar como um mantra, elevando não só o próprio autor/biógrafo, mas quem a lê.

Pensando sobre o viés autobiográfico da escrita de Ungaretti, podemos perceber que ele revela um desejo do próprio autor de manter suas memórias vivas, como no caso da poesia *Vigília*, em que ele torna nítida a imagem que teve de seu companheiro, possivelmente combatido pelas tropas inimigas, em estado convulsivo. Ele também faz questão de descrever o céu de lua cheia, o que nos mostra que o cenário é coberto pela escuridão da noite. E é a noite, tão íntima do vazio ou do inconsciente que o protege da brutalidade do que o rodeia.

Para Lopes (2003), a memória não se separa do esquecimento quando se trata de psicanálise, afinal o que já foi escrito não pode ser mudado. (Lopes, 2003, p. 48) Existe um forte componente de aceitação no fato de escrever sobre um fato ocorrido, ainda mais quando é sobre si mesmo. Apesar da autora criticar a escrita literária autobiográfica, pois, segundo ela, haveria uma inclinação do autor de garantir uma ideia “correta” de si, é na escrita autobiográfica que vemos o desejo explícito pela imortalidade. Lopes, ao discorrer sobre o fato de o autor autobiográfico esconder seu verdadeiro eu, cita Fernando Pessoa, dizendo que o autobiógrafo se esconde na “propriedade e analienabilidade da própria vida. A pulsão de se dar a arquivar é um combate à morte, mas também uma adesão a ela” (2003, p. 56).

Essa é uma visão que retoma a questão já comentada neste trabalho sobre a dualidade entre luz e escuridão, pois aqui vemos outro contraste próprio do autor – o combate entre a vida e a morte. Mas dessa vez não na poesia, mas no próprio ato de escrita. Ao escrever seus relatos de guerra, Ungaretti mantém sua posterioridade, utilizando-se de memórias que reúnem história e personalidade. Esse poderia ser seu desejo de se manter imortal, mas quando entrega suas memórias e sentimentos mais

íntimos, ainda que de certa forma polidos para o entendimento de outros, também entrega sua história para o mundo. Entregar-se como ser humano ou escritor, ainda que nas margens de sua própria narrativa, é um ato de entrega à morte, o desconhecido descanso que guarda os mistérios do foco central de seu trabalho – o Infinito.

Para Portinari (1967, p. 140) em *A Alegria*, Ungaretti se utiliza de extremos narrativos para demonstrar a fraqueza e complexidade de uma criatura diante da grandeza cósmica. Por isso, ele se divide entre aquele que se fecha e se mostra e aquele que escreve, mas deixa suas palavras serem deduzidas. Seu eu está fragmentado entre o seu eu; aquele que ele pode ser e quem ele quer ser, mais próximo da grandeza imutável do Infinito.

4. A IMPORTÂNCIA DA OBRA DE UNGARETTI NOS DIAS ATUAIS

Ao considerar A Alegria e outras obras de Ungaretti, é possível que surja um pensamento sobre a relevância de seus trabalhos nos dias atuais, uma vez que, desde sua morte, o mundo passou por uma série de mudanças. Dentre essas mudanças, é possível mencionar a sociedade global, que em grande parte, se encontra em um estado inédito de delírio e impaciência, no que diz respeito à informação e arte.

Apesar disso, vemos também muitas similaridades no que diz respeito ao cenário geopolítico. Segundo o Índice Global da Paz, que avalia dados qualitativos e quantitativos de países do mundo inteiro, já nos encontramos, em 2024, com o maior número de guerras e confrontos armamentistas, desde a Segunda Guerra Mundial².

Nesse cenário, as temáticas tratadas por Ungaretti retornam, mas com um novo viés, afinal, além da sociedade, as relações do indivíduo com a literatura e suas ramificações, também mudaram. Inclusive, em 2024, o texto de análise literária do “esami di maturità”, um exame nacional para a obtenção do diploma do ensino médio italiano, foi “Pellegrinaggio”, parte do livro “Vita d’un uomo”, escrito por Ungaretti³. Esse fato demonstra a necessidade da sociedade italiana de retomar as temáticas já levantadas pelo autor e de manter sua relevância para as gerações futuras.

Além disso, em termos de estilística, é perceptível a semelhança entre a literatura atual, o modo como a assimilamos e o trabalho de Ungaretti. Em um mundo acelerado nos avanços frenéticos da globalização, uma poesia concisa e direta se torna muito atrativa. Contudo, a sociedade se tornou, mais do que nunca, atenta e disposta para um sentido de interiorização. Tal movimentação, fundamentou a forma de fazer poesia do poeta italiano, que exige do leitor justamente essa atenção para decifrar seu trabalho, que funciona como um enigma.

A escrita autobiográfica é um estilo que tem se tornado cada vez mais popular, justamente pelo mundo ser tão globalizado, ao ponto dos novos escritores desejarem a afirmação de suas existências na sociedade. Esse fato é pontuado por Simmel (1999, p. 23-25) que relaciona isso ao crescimento das metrópoles e relações de

² Institute for Economics & Peace. Global Peace Index 2024: Measuring Peace in a Complex World, Sydney, June 2024.

³ ORIZZONTE SCUOLA. Maturità 2024, tracce prima prova: Ungaretti per l’analisi del testo con “Pellegrinaggio” da *Vita d’un uomo*. Orizzonte Scuola, 2024. Disponível em: <https://www.orizzontescuola.it/maturita-2024-tracce-prima-prova-ungaretti-per-lanalisi-del-testo-con-vita-dun-uomo/?amp>. Acesso em: 5 dez. 2024.

trabalho exponencialmente especializadas, que matam a individualidade humana. Esta situação se soma ao declínio da relação do homem com a espiritualidade e com o idealismo, gerando uma urgência nos indivíduos de manterem suas essências individuais. Neste caso, é justamente nessa lacuna que Ungaretti trabalha e faz com que os autores atuais se aproximem tanto do seu modo de escrita, pois as dores que impulsionam ambas as escritas são compartilhadas.

Na visão de Lopes (2003), a escrita autobiográfica enquanto gênero, na visão de muitos autores, passa a ter seu início na Modernidade, já com a previsão de ter seu ápice no futuro. Com Ungaretti, no século XX, inspirado no modo francês de fazer poesia, a escrita autobiográfica é a expressão mais direta do que toda a poesia é: de todos que as lerem, com a marca característica de quem a escreveu, ser identificável a todos os seres humanos. (Wataghin; Negri, 1993, p. 188)

O próprio Ungaretti previu um futuro otimista para a poesia. Assim como ele já havia comentado que o ser humano se afastou de Deus e com isso perdeu os sentidos para notar as virtudes divinas, também diz que chegará o momento em que ele voltará para a realidade. Nesse momento, o homem entenderá mais sobre o mundo que o rodeia e não precisará recorrer e explorar a memória de forma exaustiva. Isso porque voltará para seu humilde lugar enquanto criatura (Ungaretti, 2003, p. 53). Não poderá mais se confundir com o papel de criador ou detentor das forças físicas, históricas, intelectuais e cognitivas.

Outro fator de importância, que deve ser mencionado, também está relacionado a poética autobiográfica de Ungaretti, uma forma mais eficaz de se aproximar do Infinito, afinal ele também pode ser definido como o Inconsciente. O Infinito é um conceito permeado por muitos mistérios, assim como a morte. Por meio dele poderíamos acessar informações não só de caráter individual, mas também coletivo. E, ao pensar no surto de COVID-19, que assolou o mundo em 2020, entendemos que as relações entre a poesia Ungarettiana e os sentimentos e ideais surgidos após a crise mundial, ocasionada pela pandemia, são muito pertinentes. Na verdade, a população mundial encontra-se em um estado hostil e de muita desconfiança com relação ao mundo que as rodeia. A questão se tornou tão alarmante que o governo brasileiro precisou criar uma campanha contra a divulgação de fake news, chamada

“Brasil contra Fake”⁴, onde são relatadas histórias de pessoas que tiveram suas vidas devastadas pela desinformação. Essa ação se tornou necessária, pois os veículos oficiais de informação perderam a credibilidade para muitas pessoas diante de um cenário global catastrófico.

O luto em massa, desde 2019, teve um efeito psicológico devastador em todo o mundo. A humanidade se aproxima do dilema da morte e da angústia que surge como consequência do sentimento de impotência. A angústia também é causada pelo entendimento que o mundo não será mais o mesmo sem a presença de seu ente querido. Essa situação é retratada por Ungaretti:

IN MEMORIAM
(Locvizza, 30 de setembro de 1916)

Chamava-se
Moammed Sceab

Descendente
de emires de nômades
suicida
porque não tinha mais
Pátria

Amou a França
e mudou de nome

Foi Marcel
mas não era francês
e já não sabia
viver
na tenda dos seus
onde se escuta a cantilena
do Alcorão
saboreando um café

E não sabia
desatar
o canto
do seu abandono

Acompanhei-o
junto com a dona da pensão
onde vivíamos
em Paris
do número 5 da rue des Carnes
esquálido beco em declive

Descansa
no cemitério de Yvry
subúrbio que parece

⁴ <https://www.gov.br/secom/pt-br/fatos/brasil-contr-fake/noticias/2024/brasil-contr-fake-atinge-1-1-1-milhao-de-visualizacoes-em-esforco-pela-integridade-da-informacao>)

sempre
em dia
de
decomposta feira

E talvez apenas eu
saiba ainda
que viveu

A poesia em questão demonstra o sentimento de luto de Ungaretti ao perder um amigo, Moammed. O poeta fala sobre o dilema do esquecimento, de que possivelmente só ele se lembre que o amigo viveu. Neste caso, o próprio Ungaretti se coloca como uma lápide para o amigo. Chegamos nessa compreensão, pois se somente para Ungaretti, Moammed se foi, somente nele também está a prova imaterial que esse homem existiu. Além disso, também podemos notar que, talvez, exista alguma identificação entre os dois, afinal Ungaretti compartilha esse sentimento de confusão sobre sua ideia de pertencimento no mundo, especialmente no que diz respeito à pátria.

A dor do abandono de Moammed ecoa na poesia de Ungaretti, tanto em vida como na morte. Temos relatado um luto difícil de ser digerido, pois não é o luto compartilhado com outros. Apesar de possuir um outro contexto, na pandemia, o risco sanitário não permitiu que muitas pessoas se encontrassem para despedir-se de seus entes falecidos. Essa implicação dolorosa, tanto da doença como da guerra, gera efeitos difíceis de serem reparados, mas que a poesia pode ajudar a apaziguar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apontado por Portinari (1967) a poesia para Ungaretti exerce, por diversas vezes, função nostálgica e preserva a memória para que ele possa revisita-la e afrontar o Infinito. O Infinito por sua vez, retoma o ideal Platônico de que a alma é imortal e está inserida no conceito filosófico da Teoria da Reminiscência. É essa teoria que assume uma existência anterior ao nascimento e que essa existência armazena verdades fundamentais sobre o ser humano.

Além disso, decidir-se por escrever uma obra autobiográfica requer um desejo visível de garantir sua posterioridade e de certa forma atingir o Infinito, ainda que dentro da finitude possível da humanidade. Um autor autobiográfico precisa também estar disposto a entregar sua história como arquivo, esse ato por si só já remonta um ritual de mortalidade. Ou seja, para atingir o Infinito, Giuseppe acredita que seja necessária a completa entrega de si. Para Portinari (1967), essa é uma postura contrária ao ideal da guerra, pois na guerra não existem individualidades, ainda mais para um soldado como o jovem Ungaretti. Deste modo entendemos a pulsão de vida necessária no autor para manter-se idealista em um cenário de completa tragédia.

Sendo assim, nota-se o papel revolucionário que a poesia Ungarettiana carrega, rebelando-se contra a banalização da vida que um cenário de guerra provoca. Esse cenário pode servir de paralelo com a situação geopolítica atual, em que os conflitos armados se tornam cada vez mais frequentes, ao ponto de termos o maior número de guerras no mundo desde a Segunda Guerra Mundial e a crise pós pandêmica. Neste caso, suas poesias representam uma função de apoio e enfrentamento ao luto e ao terror da guerra, pois mostram como Ungaretti usa sua resiliência ao contemplar o amor e o Infinito, por vezes representado pela grandiosidade do Universo. Essa grandiosidade aparece em suas poesias na forma de representações da natureza, do céu, da lua e da noite.

Por fim, como apontado por Simmel (1999) as sociedades do mundo, de forma geral, especialmente as capitalistas, após o crescimento das metrópoles, observaram o declínio da espiritualidade e do idealismo. Esse fato no século XXI, se intensificou em larga escala, o que se assemelha muito ao que a sociedade italiana vivia no período hermético. Quando o ser humano já não sente mais confiança no mundo que o rodeia, ele precisa confiar em si mesmo. É isso, que hoje, faz das poesias de

Ungaretti suportes necessários e atuais. Ungaretti, como bom professor, ensina com seus textos, um olhar direcionado ao brilho intenso e infinito que cada um possui dentro de si.

REFERÊNCIAS

ANTONELLI, Roberto, SAPEGNO, Maria Serena. Il senso e le forme. *Storia e antologia della letteratura italiana* 5, 2011.

ENEI, Bruno. *Aulas de literatura italiana e desafios críticos*. Todapalavra, 2010.

FIORAVANTI, Marco. *La critica e gli ermetici*. Cappelli, 1978.

FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a guerra e a morte*. Corvilhã: LusoSofia, 2009.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Memória e estudos autobiográficos. *História da Educação* 7.14, 2003, p. 47-61.

MANZI, Flávio Ricardo; SILVA, Juliana de Assis. A poesia de Giuseppe Ungaretti na guerra e na perda. *Revista Italiano UERJ* 10.1, 2019, p. 10

PLATÃO. *Fédon*. Tradução, introdução e notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1983.

PORTINARI, Folco. *Giuseppe Ungaretti*. Borla, 1967.

RANK, Otto. *The trauma of birth*. Routledge, 2020.

SQUAROTTI, Giorgio Bárberi. *Literatura italiana: linhas, problemas, autores*. Tradução de Nilson Carlos Moulin Louzada et al. São Paulo: Nova Stella: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro: Ed USP, 1989.

UNGARETTI, Giuseppe. *A Alegria*. tradução bilíngue; tradução e notas Geraldo Holanda Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 2003.

UNGARETTI, Giuseppe; MONTEFOSCHI, Paola; PRADO, A. de Almeida. *Invenção da poesia moderna: lições da literatura no Brasil, 1937-1942*. Ática, 1996.

VELHO, Otávio Guilherme. A metrópole e a vida mental. In: SIMMEL, Georg et al. *O fenômeno urbano* 2, 1999, p. 11-25.

WATAGHIN, Lucia; NEGRI, Teodoro. *Giuseppe Ungaretti: razões de uma poesia e outros ensaios, traduções e comentários*, 1993.

WATAGHIN, Lúcia. Um mito tupi traduzido por Giuseppe Ungaretti. *Revista USP* 37, 1998, p. 168-173.